

A INCLUSÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Rachel Monnier Ferreira¹

Resumo: O presente artigo dedica-se a um breve estudo do processo de inclusão do gênero quadrinhístico nas escolas brasileiras. Durante muitos anos, as Histórias em Quadrinhos (HQs) estiveram apartadas do contexto educacional por serem consideradas como uma subliteratura, cuja leitura era nociva aos estudantes por contemplar a crítica, o humor e a linguagem não-verbal. Por sua vez, atualmente, as HQs estão cada vez mais presentes na vida dos alunos e é crescente o número de livros didáticos que as incluem no repertório de textos da obra, aspectos que salientam a necessidade de maiores estudos sobre os quadrinhos no âmbito educacional.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos, educação, leitura.

Pode-se considerar que é recente a presença do gênero Histórias em Quadrinhos na educação brasileira. Até a década de 60, prevaleceram as produções quadrinhísticas voltadas para o público infanto-juvenil. Adoradas pelos adolescentes e desacreditadas pela maioria dos educadores e intelectuais, à semelhança de outros países, as histórias em quadrinhos no Brasil não escaparam da sina de serem consideradas produto cultural de segunda classe que devia ser objeto de desconfiança por parte de pais e educadores (VERGUEIRO e RAMOS, 2009).

Apesar dos preconceitos sofridos, muitos artistas conceituados passaram a produzir histórias em quadrinhos para o entretenimento adulto e a linguagem gráfica sequencial atuou no sentido de contestar e denunciar os problemas sociais, como no período da ditadura militar brasileira (de 1964 a 1965) cujas produções quadrinhísticas visavam à crítica política e social. Desta forma, até a segunda metade do século passado, tais histórias estiveram distantes das salas de aula por serem consideradas prejudiciais ao desenvolvimento intelectual do aluno. Acreditava-se que os quadrinhos eram infantis, estimulavam a fantasia desmedida e os que apresentavam histórias de guerra e/ou lutas incitavam os leitores à violência, por exemplo.

Nas décadas de 80 e 90, o mercado editorial quadrinhístico iniciou uma busca por novos públicos e maior diversidade temática para os quadrinhos. Assim, paulatinamente, as Histórias em Quadrinhos foram ganhando mais espaço no âmbito educacional, na medida em que a sociedade passou a compreendê-las não somente como uma forma de lazer, mas também, como fonte de diferentes saberes. Reconhecia-se que a leitura desse gênero já atingia a diversas idades e não mais se configurava como uma prática exclusiva do público infantil.

¹Graduação e Licenciatura em Letras (Português-Espanhol) pela UFRJ; Especialização em Espanhol Instrumental para Leitura pela UERJ; Mestrado em Estudos Linguísticos Neolatinos (Espanhol) pela UFRJ. Docente de Língua Espanhola no Colégio Federal Pedro II. E-mail: kelprofessora@ibest.com.br.

Essa nova concepção acerca das HQs se reflete na presença de tal gênero em livros didáticos elaborados na década de 80. O fato que colaborou, inicialmente, para a entrada das HQs nas escolas foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) cujo texto ressaltava a importância da aprendizagem de linguagens contemporâneas e diversificadas para a formação do educando nos ensinos fundamental e médio (VERGUEIRO e RAMOS, 2009).

Posteriormente, em 1997, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Histórias em Quadrinhos se tornaram um gênero obrigatório a ser trabalhado pedagogicamente com os alunos em diferentes disciplinas. A menção às HQs no texto dos PCN pode ser compreendida como uma nova forma de se conceber essas histórias evidenciando, portanto, sua evolução no contexto educacional.

A ênfase aos quadrinhos se faz presente, por exemplo, nos PCN (1998) de Língua Portuguesa e de Artes para o ensino fundamental. Vergueiro e Ramos (2009) observam que documento salienta a importância de uma prática pedagógica que inclua as histórias em quadrinhos e as charges, textos considerados necessários à formação da competência leitora pelo educando, uma vez que permitem a leitura dos elementos verbais e não-verbais.

Os PCN (2000) para o ensino médio também ressaltaram para disciplina de Língua Portuguesa a inclusão das HQs, uma vez que esse gênero veicula aspectos da realidade social, propiciando ao aluno a reflexão sobre temas sociopolíticos, econômicos e culturais que, muitas vezes, permeiam o conteúdo das histórias.

Os quadrinhos ainda fomentam a compreensão acerca de diferentes manifestações artísticas e oferecem ao educando o elemento imagético (PCN, 2000) cuja leitura tem sido cada vez mais requisitada nas diferentes práticas sociais cotidianas, o que se justifica pelo fato de vivermos em uma sociedade permeada pela informação que exige do indivíduo a capacidade de ler o mundo e suas múltiplas linguagens, dentre elas, a linguagem visual.

Ao terem sua importância reconhecida como ferramenta pedagógica, as Histórias em Quadrinhos ganharam destaque, também, nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (PCN-LE, 1998). No que tange, particularmente, aos conteúdos dos textos que devem circular entre os aprendizes, o documento ressalta que “a determinação dos conteúdos referentes aos textos orais e escritos se pauta por tipos com os quais os alunos estão mais familiarizados como usuários de sua língua materna: pequenas histórias, quadrinhas, histórias em quadrinhos” (PCN-LE, 1998, p. 74).

Como forma de facilitar o engajamento discursivo do aluno em um novo idioma, o texto dos PCN –LE (1998) aponta para a importância de se submeter o aprendiz de língua estrangeira a gêneros discursivos que fazem parte das leituras cotidianas realizadas em língua

materna e, em geral, as HQs incluem-se nos textos lidos pelos estudantes.

Segundo Ramos (2009), ao reconhecer que os quadrinhos deveriam estar ainda mais presentes na sala de aula, o governo brasileiro incluiu - pela primeira vez - as HQs no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), em 2006. Este programa, criado em 1977, fundamentava-se, prioritariamente, na compra e distribuição de livros literários para as escolas de nível fundamental e médio, a fim de que o aluno se sentisse estimulado a ler e entrasse em contato com novos conteúdos; criasse o gosto pela leitura e diversificasse os próprios conhecimentos.

Inicialmente, os quadrinhos fizeram parte da distribuição de obras destinadas ao ensino fundamental, mas somente sob a forma de adaptação de clássicos da literatura; exigência imposta pelo PNBE. Posteriormente, em 2009, os quadrinhos foram incluídos no PNBE para o ensino médio e as HQs já não se configuravam como adaptações de obras consagradas da literatura universal.

A partir do PNBE, houve um incremento no mercado editorial brasileiro, consequência das várias produções literárias adaptadas para a linguagem dos quadrinhos e da inclusão de HQs como obras originais neste programa (VERGUEIRO e RAMOS, 2009).

O incentivo governamental à presença dos quadrinhos nas escolas pode ser considerado como uma evolução desse gênero discursivo, que passou de leitura inferior e desqualificada para ser oficializada como política educacional do país (RAMOS, 2009). O apoio às HQs parece ter colaborado, inclusive, para a quadrinização de obras da literatura nacional. Essas publicações buscam transpor para a linguagem das histórias em quadrinhos obras consagradas de grandes autores brasileiros, visando colocá-las ao alcance do maior número possível de estudantes em todo o país.

Apesar dessas iniciativas, a utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula ainda encontra muitas barreiras, como a falta de professores com formação técnica para o uso do quadrinho (muitos desconhecem as especificidades do gênero) e a elaboração de materiais didáticos - cujas atividades não exploram adequadamente a linguagem quadrinhística - que tornam difícil o emprego adequado das HQs como ferramenta pedagógica.

Neste sentido, a presença dos quadrinhos no ambiente escolar tem gerado novos desafios aos professores e trazido à tona uma adiada necessidade de se compreender melhor a linguagem, seus recursos e obras. (VERGUEIRO e RAMOS, 2009, p. 7). Pode-se afirmar, ainda, que é pequena a produção científica acerca dos quadrinhos, aspecto que colabora para que uma gama de professores, pesquisadores, estudantes de Letras e de cursos de Comunicação fique carente de respostas sobre a linguagem e as características das HQs

(RAMOS, 2009).

A leitura de um quadrinho requer o conhecimento dos elementos que configuram esse gênero. Logo, é necessário que o leitor domine a linguagem quadrinhística para que compreenda a história. No âmbito educacional, cabe ao professor conhecer as especificidades das HQs e trabalhá-las em sala de aula, de forma que os alunos se tornem mais proficientes na leitura dos elementos icônicos e verbais que caracterizam o referido gênero.

Referências:

BRASIL, LDB. “Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional”. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 25 Jun. 2011.

PCN-EM. “Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino M. Brasília, Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental, 2000.

PCN-LE. “Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua estrangeira”. Brasília, Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental, 1998.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.